

SINTAXE E SEMÂNTICA  
DO VERBO EM LÍNGUAS  
INDÍGENAS DO BRASIL



LUCIANA STORTO  
BRUNA FRANCHETTO  
SUZI LIMA  
(ORGANIZADORAS)

SINTAXE E SEMÂNTICA  
DO VERBO EM LÍNGUAS  
INDÍGENAS DO BRASIL

MERCADO<sup>®</sup>  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil /  
Luciana Storto, Bruna Franchetto, Suzi Lima (organizadoras). –  
Campinas, SP : Mercado de Letras, 2014.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-319-2

1. Brasil – Línguas indígenas 2. Línguas indígenas – Morfologia  
3. Verbos – Semântica 4. Verbos – Sintaxe I. Storto, Luciana. II.  
Franchetto, Bruna. III. Lima, Suzi.

14-04552

CDD-498

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Brasil : Línguas indígenas : Linguística 498
2. Línguas indígenas : Brasil : Linguística 498

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
diagramação e editoração: DPG Editora

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**JANEIRO/2015**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*Para Ken e Sally Hale*  
In memoriam



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO . . . . .	9
<i>Luciana Storto, Bruna Franchetto e Suzi Lima</i>	
1. ESTRUTURA ARGUMENTAL NA LÍNGUA KARITIANA . . . . .	17
<i>Luciana Storto e Ivan Rocha</i>	
2. NOMINALIZAÇÃO DOS ARGUMENTOS INTERNO E EXTERNO EM KUIKURO . . . . .	43
<i>Mara Santos e Bruna Franchetto</i>	
3. A ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS DA LÍNGUA YUDJA (JURUNA): FORMAÇÃO DOS VERBOS E OS PROCESSOS DE ATRIBUIÇÃO E MUDANÇA DE VALÊNCIA . . . . .	65
<i>Suzi Lima</i>	
4. VERBOS E ESTRUTURA ARGUMENTAL EM APURINÃ (ARUÁK) . . . . .	99
<i>Sidi Facundes e Angela Chagas</i>	
5. ESTRUTURA ARGUMENTAL EM DUAS LÍNGUAS DA FAMÍLIA TUKANO ORIENTAL: KOTIRIA (WANANO) E WA'IKHANA (PIRATAPUYO). . . . .	131
<i>Kristine Stenzel</i>	

6.	ESTRUTURA ARGUMENTAL E ALINHAMENTO GRAMATICAL EM MEKENS. . . . .	167
	<i>Ana Vilacy Galucio</i>	
7.	ESTE TÍTULO LERIA MAIS CLARAMENTE EM KARAJÁ DO QUE EM XAVANTE OU EM PORTUGUÊS: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE O PROCESSAMENTO DA ALTERNÂNCIA CAUSATIVA . . . . .	197
	<i>Marcus Maia, Rosana Costa Oliveira e Sabrina Lopes dos Santos</i>	
8.	VERBOS SERIAIS EM KADIWÉU . . . . .	221
	<i>Filomena Sândalo</i>	
9.	AS POSPOSIÇÕES E A ESTRUTURA DOS EVENTOS . . . . .	237
	<i>Andrés Pablo Salanova</i>	
10.	A INVESTIGAÇÃO DA ESTRUTURA ARGUMENTAL: POR UMA CONFLUÊNCIA DOS INSTRUMENTAIS ANALÍTICOS. . . . .	261
	<i>Esmeralda Vailati Negrão e Evani Viotti</i>	
	SOBRE OS AUTORES . . . . .	287

## APRESENTAÇÃO

Este livro é uma coletânea de artigos escritos por especialistas em línguas indígenas brasileiras, tendo como alvo o público universitário da área de Letras. Sua concepção teve início na conferência internacional intitulada *A Estrutura das Línguas Indígenas Brasileiras*, organizada por Luciana Storto de 17 a 29 de março do ano 2000 com financiamento da Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research (EUA)<sup>1</sup> na qual pesquisadores brasileiros e estrangeiros – ex-professores de doutorado em linguística da organizadora, cursado no Massachusetts Institute of Technology (MIT), Estados Unidos – conviveram durante doze dias em imersão total em um hotel na cidade fluminense de Petrópolis, apresentando seus trabalhos, participando de cursos ministrados pelos professores estrangeiros e realizando pesquisa de campo diretamente com consultores indígenas falantes nativos de três línguas indígenas: Karitiana (família Tupi), Karajá (família Macro-Jê) e Kuikuro (família Karib),<sup>2</sup> estudadas na época por Luciana Storto, Marcus Maia (UFRJ) e Bruna Franchetto (Museu Nacional/UFRJ), respectivamente. Os professores do MIT convidados para ministrar cursos

---

1. Com o apoio das seguintes instituições: Funpat, LNCC, UFRJ, Museu Nacional e PPGAS.

2. Por convenção da Associação Brasileira de Antropologia os nomes das línguas indígenas são grafados com maiúscula e com grafemas que representam os sons do alfabeto fonético internacional – como o k e w, por exemplo.

foram Ken Hale (“Práticas de Trabalho de Campo”, “Semântica Lexical, Caso e Concordância”), Wayne O’Neill (“Descobrimo Estruturas Linguísticas na Língua Mãe”), Michel de Graff (“Teorias Sobre Contato Linguístico”) e a professora Maya Honda, do Wheelock College, que co-ministrou o curso com Wayne O’Neill.

Entre os outros participantes da conferência, mencionamos: Amélia Reis Silva, Andrés Salanova, Bruna Franchetto, Carlos Fausto, Cristiane C. Oliveira, Denny Moore, Filomena Sândalo, Luciana R. Storto, Marcela Coelho e Souza, Márcia D. Vieira, Marcus Maia, Marília Facó, Miriam Lemle, Pierre Pica, e Sérgio Meira.

Os consultores indígenas Luiz Carlos Karitiana, Mutua Mehinaku Kuikuro e Ijeseberi Karajá utilizaram os resultados da pesquisa realizada como material didático para as escolas indígenas de suas aldeias e prosseguiram em seus estudos e formação. Luiz Karitiana é professor formado e atua na aldeia central Karitiana, em Porto Velho, Rondônia. Mutua Mehinaku formou-se, em 2010, como mestre em antropologia pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ) e continua com seu trabalho de professor de língua materna na aldeia de Ipatse. Ijeseberi Karajá colaborou com diversos pesquisadores interessados no estudo da língua, da sociedade e da cultura do seu povo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Museu Paraense Emilio Goeldi e na Universidade Federal de Goiás, trabalhou em elaboração de material didático em Karajá e participou de workshops de educação indígena e linguística ao longo de sua vida. Ijeseberi tinha 40 anos e trabalhava como agente de enfermagem, quando faleceu por afogamento no Rio Araguaia, nas proximidades de sua aldeia em 2006.

O professor Ken Hale foi protagonista em destaque da conferência; suas aulas cativaram todos os participantes e a referência aos seus trabalhos tornou-se inevitável para os que se dedicam à investigação das estruturas argumentais em línguas diversas no âmbito de uma abordagem formal. Poliglota, reconhecido internacionalmente pelos seus estudos de línguas ameríndias e aborígenes da Austrália, teórico influente da linguística gerativa, dedicamos este livro a ele e a sua companheira de toda uma vida, Sally Hale. Ken faleceu em 2001, deixando saudades e uma ausência que não pode ser esquecida. Como exemplo da generosidade e da disponibilidade que sempre o caracterizaram, lembramos que logo após a conferência ele aceitou

o convite para uma entrevista realizada por Luciana Storto e publicada com o título “Diversidade e universalidade linguística” na revista *Mana*, out 2000, vol. 6, n.º 2, pp. 147-162.

No ano de 2000, Storto era pós-doutoranda no Departamento de Antropologia do Museu Nacional (UFRJ), no Rio de Janeiro. O apoio do Setor de Linguística desta instituição foi fundamental para o sucesso da conferência. O trabalho realizado ao longo da conferência sobre sintaxe e semântica verbal nas três línguas lá presentes, através de seus falantes, frutificou na produção dos pesquisadores envolvidos e de seus orientandos e colaboradores, a ponto de justificar-se, hoje, a proposta de um livro que apresente os resultados dessas pesquisas. O livro, contudo, inclui trabalhos sobre classes verbais e estrutura argumental em várias outras línguas indígenas faladas em território brasileiro, representando a grande diversidade linguística nele ainda existente e o estado atual do conhecimento sobre o tema em artigos escritos por pesquisadores de diferentes gerações e diversos perfis teóricos. Em suma, pretende-se mostrar ao público universitário brasileiro uma amostra significativa do que se sabe hoje sobre a sintaxe e a semântica dos verbos das línguas indígenas. Foram convidados para contribuir com capítulos para este livro pesquisadores de duas gerações, de comprovada excelência na área de descrição e análise de línguas indígenas: Angela Chagas, Sidi Facundes, Bruna Franchetto, Ana Vilacy Galúcio, Suzi Lima, Marcus Maia, Rosana Costa Oliveira, Ivan Rocha, Andrés Pablo Salanova, Filomena Sandalo, Mara Santos, Sabrina Lopes dos Santos, Kristine Stenzel e Luciana Storto.

A linguística tradicional veiculou durante muito tempo – e ainda veicula – o mito de que línguas como o latim e o grego, faladas por civilizações que estão na base da cultura ocidental, são superiores a outras línguas. Por analogia, é muito comum pensar que povos indígenas têm línguas “simples”, ou “inferiores”. Esperamos que este livro tenha um impacto cultural importante, uma vez que coloca em ênfase parte do patrimônio imaterial – o patrimônio linguístico – dos povos indígenas, difundindo um fato importante, porém desconhecido da maioria das pessoas, de que todas as línguas são igualmente ricas e complexas, independentemente da vida material da sociedade que a fala.

Este livro serve de subsídio para profissionais da área de Letras que desejem comparar o português ou qualquer outra língua que lecionem com as línguas indígenas no Brasil, em busca de exemplos

tanto de universais quanto de diversidade linguística. Ao fazer isso, estes profissionais certamente contribuirão para o abrandamento de preconceitos estabelecidos a respeito dos povos indígenas. O livro servirá, ainda, para as próprias comunidades de falantes, muitas das quais hoje contam com professores nativos formados em cursos de magistério, segundo e terceiro grau. As escolas indígenas carecem de materiais didáticos de qualidade e raramente a língua indígena ocupa o tempo e o espaço que nelas deveria ocupar. Nosso intento é contribuir para que as pesquisas linguísticas desenvolvidas nas universidades possam ser, de alguma maneira, incorporadas aos conhecimentos transmitidos no domínio escolar de índios e não índios.

A divulgação de trabalhos recentes sobre línguas indígenas faladas no Brasil é ainda muito restrita. Nosso objetivo é também o da sua maior difusão, de modo que a metodologia usada nas pesquisas dessas línguas possa se tornar referência para estudos sobre outras línguas, incluindo o português e seu ensino. Este livro beneficia o debate acadêmico acerca das diversas teorias e metodologias usadas para a investigação dos temas relacionados à estrutura argumental através das línguas.

Luciana Storto e Ivan Rocha apresentam as classes verbais identificadas até o momento na língua Karitiana, última representante do ramo Arikém da família Tupi. Os autores apresentam critérios para classificar os verbos em transitivos, intransitivos, e bitransitivos. Identifica-se, ainda, uma subclasse de verbos intransitivos (com um sujeito experienciador, como 'ver', 'saber', 'gostar'), que é semanticamente transitiva, mas sintaticamente intransitiva, já que o objeto destes verbos, quando é usado, é marcado como oblíquo (como o objeto indireto de um verbo bitransitivo). Todos os verbos intransitivos em Karitiana podem ocorrer em construções de cópula. Os verbos transitivos sempre podem ser passivizados, e os verbos bitransitivos podem ser passivizados apenas se o argumento com papel temático alvo se torna o sujeito da passiva, uma vez que, nesta língua, o objeto direto de um verbo bitransitivo é o alvo, e o tema é marcado como argumento oblíquo (objeto indireto). Um morfema causativo pode transitivizar qualquer verbo intransitivo em Karitiana, mas verbos transitivos e bitransitivos só podem ser transitivizados em construções analíticas.

Mara Santos e Bruna Franchetto têm como objetivo a descrição das estruturas internas das nominalizações de argumentos internos e

externos da língua Kuikuro (família Karib). O Kuikuro compartilha com as outras línguas Karib uma enorme produtividade de processos derivacionais, marcados através de formas afixais, em particular no que concerne mudanças de valência. A estrutura de nominalização de argumento interno ou não-agentiva envolve um radical verbal flexionado no participípio ao qual se acrescenta o sufixo nominalizador **-nhũ**, direcionado para os sujeitos intransitivos e objetos. A adição de um categorizador nominal a uma estrutura verbal flexionada na forma participial tem leitura de estado resultante do evento, estado este atribuído ao argumento interno. A estrutura de nominalização de argumento externo, ou agentiva, envolve radicais verbais transitivos e transitivizados, aos quais se acrescentam os sufixos nominalizadores **-tĩhi**, **-ni** e **-nhi**, direcionados para sujeitos transitivos. A nominalização assim produzida mantém o argumento interno (objeto, paciente) do verbo transitivo; quando não definido, o objeto é codificado pelas formas de pronome genérico (**kuk-/ku-/k-**). A nominalização agentiva é o resultado da adição de um categorizador nominal a uma estrutura verbal sem flexão. Os nomes derivados ocorrem nos mesmos contextos morfosintáticos dos nomes primitivos, podendo ocupar a função de argumento de qualquer núcleo.

Suzi Lima apresenta as classes verbais da língua Juruna (também conhecida como Yudjá, do ramo Juruna da família Tupi) a partir de processos sintáticos e morfológicos. O primeiro objetivo é apresentar uma descrição das dezoito classes verbais da língua. O segundo objetivo é, a partir dos fatos da língua, corroborar a proposta de Hale e Keyser (1993; 2002) segundo a qual para a compreensão da sintaxe de uma língua é necessário compreender a estrutura argumental de seus verbos. No que concerne à divisão de classes verbais, foram usados vários critérios. O primeiro foi a consideração das propriedades das raízes verbais, isto é, se os verbos derivam de nomes (**pina** (pente)/**apinu** (pentear)), de adjetivos (**ikĩbe** (claro)/ **ikĩbe maku** (clarear)), ou são acategoriais (**tahu** (correr)). O segundo critério foi o exame dos afixos associados a uma raiz verbal. Em Juruna há tanto morfemas de valência – (**a-**, transitivizador em **apinu**; **ma-** que causativiza apenas verbos inacusativos como **iseãu** (cegar)/**maseãu** (fazer cegar) e **ũ-** que causativiza apenas verbos inergativos como **tahu** (correr)/**útahu** (fazer correr)) – como também há morfemas verbalizadores, – isto é, morfemas que transformam uma raiz em verbo e que são sufixais, como o

morfema **k-** em **apiku** (quebrar)). A autora mostra que as propriedades das raízes dos verbos determinam todos os processos morfológicos, sintáticos e semânticos subsequentes à formação do verbo. Desta forma, a duplicação verbal, a supleção verbal, a alternância de voz (anti-passiva) e a alternância de valência dependem das propriedades das raízes verbais.

Sidi Facundes e Angela Chagas analisam a estrutura argumental dos verbos da língua Apurinã (família Aruak ou Arawak) através da descrição e análise dos morfemas que podem ser afixados a verbos transitivos e intransitivos. Os autores argumentam que os morfemas afixados aos verbos salientam também os traços semânticos destas raízes verbais. Os autores mostram que existe uma cisão entre os verbos intransitivos: o argumento da primeira classe de verbos intransitivos é marcado como o objeto dos verbos transitivos enquanto que o argumento da segunda classe de verbos intransitivos é marcado como o sujeito dos verbos transitivos. Os autores argumentam que estas duas classes são também distintas semanticamente: a primeira classe denota estados transitórios, enquanto que a segunda classe denota estados duradouros. Os verbos transitivos também estão divididos em duas classes: aqueles que exigem um argumento locativo com a mesma sintaxe de um argumento objeto e aqueles que exigem um argumento recipiente/beneficiário marcado da mesma forma que o argumento sujeito.

No capítulo sobre a língua Kotiria (ou Wanano, família Tukano oriental), Kristine Stenzel descreve a sua estrutura argumental, exemplificando um sistema misto de marcação de argumentos e explicitando o mapeamento entre as funções gramaticais e semânticas dos participantes nominais e os casos marcados morfológicamente. Particular atenção é dada ao caso “objetivo”, onde a interação de critérios sintáticos, semânticos e de configuração resulta num sistema de marcação diferencial de objetos. A autora propõe uma hipótese explicativa sobre o desenvolvimento diacrônico do chamado “caso objetivo”. Numa perspectiva comparativa, discute o sistema Kotiria como representante do padrão Tukano Oriental, ilustrando os traços compartilhados com outras línguas da família, mas também mostrando os traços sincrônicos que constituem inovações exclusivas da subfamília Kotiria/Wa'ikhana (Piratapuyo).

Ana Vilacy Galucio discute aspectos da estrutura argumental da língua Mekens, uma das cinco línguas do ramo Tupari (família Tupi).

A autora apresenta as classes de verbos da língua e descreve os padrões de alinhamento gramatical dos argumentos nesta língua. Em Mekens, além das tradicionais classes de verbos transitivos e intransitivos, existe uma terceira classe de verbos chamados de verbos não flexionáveis, já que estes verbos podem ser semanticamente transitivos ou intransitivos, mas não seguem o padrão de marcação de argumentos das outras duas classes. Em relação aos padrões de alinhamento morfossintático, a autora argumenta que Mekens apresenta um padrão absolutivo no nível morfológico com marcação de S e O através de prefixos pronominais nos verbos e um padrão nominativo no nível sintático com S e A funcionando como pivôs sintáticos para controle de referência.

Marcus Maia, Rosana Costa Oliveira e Sabrina Lopes dos Santos analisam construções causativas em Karajá (Jê) em comparação ao português através de estudos experimentais. Construções intransitivas, chamadas pelos autores de incoativas, tais como “Este livro vende bem” têm sido analisadas como resultando de movimento de Sintagma Nominal da posição de objeto direto para a posição de sujeito e são, portanto, estruturalmente mais complexas do que suas contrapartes causativas. A partir desta observação, os autores analisam as seguintes questões: (i) se a maior complexidade estrutural das incoativas se traduziria em maior dificuldade de processamento em português brasileiro (PB) e em duas línguas Jê de núcleo final, o Karajá e o Xavante e (ii) se a identificação morfológica das incoativas em Karajá poderia facilitar a sua aceitabilidade. Os resultados de três experimentos de julgamento de aceitabilidade mostram que para falantes de português e Xavante construções incoativas são mais rejeitadas do que construções transitivas. Por outro lado, em Karajá, uma língua que distingue morfológicamente as incoativas, não foram encontradas diferenças significativas nos índices e nos tempos de rejeição. Com base nesses resultados os autores propõem que a marcação morfológica das incoativas compensa a sua maior complexidade sintática, facilitando a sua aceitabilidade.

Filomena Sândalo explora a estrutura das construções de verbos seriais em Kadiwéu (família Guaikurú). Em Kadiwéu a presença ou ausência de sintagmas nominais não distingue verbos transitivos de verbos intransitivos. Ao invés disso, o critério para distinguir essas classes verbais são os processos de reflexivização e antipassivização.

Em sua análise para as construções de verbos seriais, a autora explora testes sintáticos que classificam construções verbais seriais em outras línguas do mundo. O objetivo da autora é argumentar que as construções analisadas por Griffiths (1987, 1991) como sintagmas preposicionais em Kadiwéu, são, na verdade, construções com verbos seriais. A autora mostra que estas construções em Kadiwéu têm as mesmas propriedades que outras construções verbais seriais em outras línguas, a saber: argumentos são compartilhados pelos verbos da sentença, a negação de um núcleo implica na negação de toda a construção e as ações denotadas por cada verbo são simultâneas.

A partir de uma análise das construções causativas do Mëbengokre, o trabalho de Andrés Pablo Salanova propõe uma teoria sobre o uso gramatical das adposições. Segundo o autor, as adposições que introduzem argumentos ou quase-argumentos oblíquos sem atribuir a eles o papel temático “típico” do sentido lexical da adposição caracterizam-se por estarem associadas a projeções particulares no domínio verbal. No caso específico da alternância causativa, uma adposição cujo sentido normal é instrumental, tem um uso gramatical que é semanticamente transparente quando associada a duas projeções: uma visível no morfema anticausativo *aj-* quando associado a verbos de mudança de estado, que funciona aproximadamente como uma voz passiva, e outra, morfológicamente invisível, que transforma substantivos em verbos de mudança de estado. Em ambos os casos, a adposição perde o seu sentido lexical pela associação com a projeção verbal, e funciona simplesmente como licenciadora gramatical do argumento externo do evento causado, deslocado da posição de sujeito da frase pelo causante.

O capítulo de autoria de Esmeralda Vailati Negrão e Evani Vioti apresenta uma visão de estrutura argumental construída dentro de uma perspectiva teórica cognitivista. Por trabalharem com sintaxe e semântica verbal do português brasileiro há décadas, as autoras fazem uma comparação interessante entre esta e outras línguas menos conhecidas, tais como as línguas indígenas aqui descritas, propondo uma metodologia de descrição e análise que acreditam dar conta das semelhanças e diferenças tipológicas.

*Luciana Storto  
Bruna Franchetto  
Suzi Lima*